

HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA: UMA REFLEXÃO DO SURGIMENTO AOS DIAS ATUAIS

LINGUISTIC HISTORIOGRAPHY: A REFLECTION FROM THE BEGINNING TO CURRENT DAYS

Alceane Bezerra **FEITOSA**¹
 Julia Maria Muniz **ANDRADE**²
 Karla Dayane Silva **MONTEIRO**³

Resumo: Considerando que a Historiografia Linguística é uma disciplina recente no Brasil, adquirindo somente na década de 1990 um espaço dentro dos centros universitários, principalmente na Universidade de São Paulo (USP), com a professora Dra. Cristina Altman, maior autoridade no assunto no Brasil. Diante disso, cumpre investigar como surge essa disciplina no contexto mundial e, de que maneira ele chega ao Brasil. Assim sendo, este artigo tem, como objetivo principal, rastrear o surgimento e desenvolvimento da disciplina Historiografia Linguística (HL), evidenciando, com isso, seu conceito e objeto de estudo. Para tal intento, utilizou-se de teóricos como Swiggers (2004), Nascimento (2005), Altman (2009, 2012), Batista (2013), Koerner (2014), dentre outros. Após apresentado o percurso da HL, desde seu surgimento na década de 70 até o presente momento, espera-se ter evidenciado a importância da disciplina como um campo frutífero de pesquisa.

Palavras-chave: Historiografia linguística. Conceito. Objeto de estudo.

Abstract: Considering that Linguistic Historiography is a recent discipline in Brazil, it acquired only in the 1990s a space within university centers, mainly at the University of São Paulo (USP), with Professor Cristina Altman, the Brazil. Faced with this, it is necessary to investigate how this discipline arises in the world context and, in what way it strikes Brazil. Thus, this article has, as main objective, to trace the emergence and development of the discipline Linguistic Historiography (HL), thus evidencing its concept and object of study. For this purpose, we used theorists such as Swiggers (2004), Nascimento (2005), Altman (2009, 2012), Batista (2013), Koerner (2014), among others. After presenting the course of the HL, from its emergence in the 70's until the present moment, it is expected to have evidenced the importance of the discipline as a fruitful field of research.

Keywords: Linguistic historiography. Concept. Study object.

Introdução

Neste trabalho será feito um estudo historiográfico da disciplina Historiografia Linguística, cuja origem, segundo alguns pesquisadores da área, se deu de uma ramificação da

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI), área de concentração: Estudos de Linguagem. alceano_bezerra2@hotmail.com.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI). juliam_andrade@hotmail.com.

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI), área de concentração: Estudos de Linguagem. karladayanemonteiro@gmail.com.

Linguística Histórica. Sabendo disso, ainda para esses estudiosos, a disciplina mantém uma relação intrínseca com a história, bem como a realidade social.

Apesar da relevância dessa disciplina nos estudo de linguagem, poucos são os trabalhos tanto em âmbito nacional quanto internacional, que se utilizam do aporte teórico-metodológico da Historiografia Linguística. Tal fato, portanto, traz à tona a importância de estudos que se utilizem da metodologia de estudo da HL, bem como estudos que reconstruam a história da disciplina.

Desse modo, este estudo fará uma revisão histórica do percurso da disciplina desde o seu surgimento, na década de 70, no contexto europeu, apresentando em seguida, como se deu a configuração da mesma, na década de 90, no contexto brasileiro. Além disso, apresentaremos o seu conceito e objeto de estudo.

Historiografia Linguística no contexto mundial

De acordo com Nascimento (2005), a Historiografia Linguística (doravante HL) nasceu como ramificação da Linguística Histórica. A partir disso, veio expandindo seus estudos na área da Linguística, passando a ser entendida como a disciplina que estuda a língua em sua relação com a história e a realidade social.

Assim como a HL, outras três disciplinas também têm como característica básica a reconstrução da História da Linguística, a saber: *história da compilação*, *histórias comemorativas* e *história isolada da linguística*.

A primeira maneira de reconstrução do passado linguístico é a *história da compilação*, que, para Koerner (2014, p.18), são “histórias que consideram a evolução da linguística como tendo decorrido de uma forma essencialmente unilateral, como forma de copilar os resultados de estudos linguísticos do passado”. Nesse sentido, esse tipo de escrever a história da linguística pode ser interpretado como uma maneira de compilar, isto é, juntar os resultados alcançados anteriormente na ciência da linguagem.

O segundo tipo, *história da linguística comemorativa*, para esse mesmo autor, consiste em “uma atividade de escrita da história, caracterizada pela intenção, por parte do indivíduo ou por um grupo, em lançar uma campanha para se opor a visões anteriormente apreciadas e a doutrinas ainda em vigor” (KOERNER, 2014, 18). Esse tipo de escrita da história da linguística é feita com base no passado, com referência ao presente, ou seja, opondo visões anteriormente apreciadas a doutrinas em vigor.

Uma terceira abordagem do fazer história da linguística é: *a histórias isoladas da linguística*. Esse tipo de escrita é considerado menos partidária do que os outros dois exemplos apresentados.

Nesse modelo, Koerner (2014, p.22) afirma que “poderia ter sido o resultado de uma escolha individual, na verdade, parece expressar o esforço de uma geração inteira de investigadores, particularmente na reconstrução de uma disciplina depois de sua quase total destruição após uma guerra mundial”. Enfatiza-se, portanto, nesse tipo de escrita da história da linguística, a continuidade do progresso da disciplina.

A quarta abordagem, a HL, na qual esta pesquisa está inserida, pode ser compreendida, de acordo com Koerner (2014b), como:

A apresentação do nosso passado linguístico como uma parte integrante da própria disciplina e, ao mesmo tempo, como uma atividade fundada em princípios bem definidos [...]. Este quarto tipo, hoje normalmente designado de historiografia linguística não deveria ser meramente subserviente à disciplina, mas deveria assumir uma função comparável à da história da ciência para o cientista das ciências naturais (KOERNER, 2014, p. 22).

É compreensível, portanto, as relações de aproximações e distanciamentos que se fazem entre as disciplinas que estudam a História da Linguística, o que não é equivocado em sua totalidade, visto que as relações de semelhanças são muito tênues, apesar de, na atualidade, serem consideradas disciplinas diferentes. Na tentativa de esclarecer as relações de aproximações e distanciamentos entre as disciplinas que estudam a História da Linguística, Nascimento (2005) concebe a HL como a disciplina que:

Integra o universo das áreas do conhecimento que concebem a língua em sua relação com a história e a realidade social, mas não se confunde a História da Linguística nem com a História das Ideias Linguísticas. Embora essas áreas do conhecimento se rotulem diferentes, apresentam perspectivas, princípios, características e procedimentos diferentes, assumam como eixo comum a língua e sua vinculação com fatores históricos e socioculturais, não se opõem, não se mostram estanques, tampouco se apresentam hierarquicamente ordenadas (NASCIMENTO, 2005, p. 11).

A aproximação ocorre pelo fato de conceberem a língua como um fato atrelado à história e ao contexto social em que os fatos linguísticos foram produzidos. Apesar de tal relação, cada uma se utiliza de métodos, princípios e procedimentos próprios, distinguindo-se uma da outra por singularizarem um modo específico de tratamento da língua.

Portanto, é importante observar que uma coisa é estudar a história de uma ciência, isto é, estudar as suas origens, tentando resgatar o pensamento de fatos linguísticos do passado, atrelados ao contexto histórico-filosófico-cultural, característica elementar da HL. Outra é estudar as mudanças que ocorreram em uma dada língua específica característica que marca a Linguística Histórica.

Antes do caráter científico da disciplina, iniciado especificamente da década de setenta, o estudo da linguística por um viés histórico⁴ data bem antes disso, como bem evidencia Weedwood (2002):

Pensa-se frequentemente na história da linguística como uma disciplina muito nova. Afinal, a própria linguística só se estabeleceu em sua forma atual há algumas décadas. Mas as pessoas vêm estudando a linguagem desde a invenção da escrita e, sem dúvida, muito antes disso [...] na Índia antiga, por exemplo, a necessidade de manter viva a pronúncia correta dos textos religiosos ancestrais levou a investigação da fonética articulatória (WEEDWOOD, 2002, p. 17-18).

Em editorial da revista *Historiographia Linguística*, Koerner observa que, antes do seu caráter de cientificidade, sua prática já havia ocorrido em 1796. A esse respeito, tem-se que:

Pensamento histórico sobre estudos da linguagem ou a tentativa de colocar os fatos linguísticos em uma perspectiva histórica data de pelo menos mais de cem anos. O primeiro registro sobre a história da linguística escrito no mundo ocidental seria de François Thurot, que elaborou, em 1796, um prefácio, *Discours préliminaires*, à obra *Hermès, ou Recherches philosophiques sur la grammaire universelle* (KOERNER, 2013 apud BATISTA, p. 21).

A esse respeito, Altman (2012) faz as seguintes considerações:

O fato é que, desde o *Discours préliminaire*, a reflexão retrospectiva sobre questões de linguagem tornou-se uma prática cada vez mais constante em certos círculos acadêmicos ligados a filologia germânica, românica, eslava, e, muito recentemente, também à disciplina linguística stricto sensu (ALTMAN, 2012, p. 15).

Apesar da publicação de Koerner (na década de 70) ter marcando o início da HL como uma disciplina científica dentro dos estudos da linguagem, o texto que, metodologicamente, redefine a atividade de pesquisa na disciplina, segundo Altman (2012, p. 18), “foi a introdução de Dell Hymes (1983) à sua antologia de 1974, *Traditions and paradigms*”, muito embora alguns romancistas tenham notado a existência de um outro texto, o de Malkiel (1969) um pouco antes do de Dell Hymes.

Naquele texto, Altman (2012, p. 18) afirma que “Hymes antecipou os pontos que viriam a caracterizar as principais tendências da HL contemporânea”. Por isso, a autora defende o texto de Hymes como sendo, metodologicamente, o introdutor da disciplina, devido ao fato desse trazer os principais princípios e métodos da HL como ciência. Esses princípios, conforme a autora, são: a autorreflexão metodológica, definições intencionais do objeto, ampliação do escopo e datação;

⁴ Aqui o estudo da linguística por um viés é histórico não deve ser entendido como a disciplina história da linguística, mas pela perspectiva da historiografia linguística.

contextualização; abertura para a linguística antropológica, a história, a filosofia e a sociologia das ciências.

A partir de então, começaram a surgir vários trabalhos, inclusive várias antologias, de diversos conteúdos, no tocante à orientação metodológica, proposta no trabalho de Hymes. Dentre esses trabalhos, Altman (2012) destaca os seguintes autores:

Sabeok (1975), Parret (1976), Sebeok; Schmitter (19v87), Auroux (1989, 1992, 2000) Dutz (1993), De Clerq e Desmet (1994), Koerner e Asher (1995), Law (1993), Huller (1990), Swiggers (1999), Koerner et al. (2000), Koerner (1978). Niederehe (1995, 1999, 2005), Stammerjohann (1996), Barriga Villanueva e Perodi (1998) e Esparza e Niederehe (2012) (ALTMAN, 2012, p.19).

Como frisado, o interesse pelos estudos históricos da língua/linguagem não é um fato recente. Desde muito tempo, vem-se buscando entender os fatos e fenômenos linguísticos do passado, seja com um interesse de reconstruir o passado linguístico, ou até mesmo entender o presente da língua/linguagem, pela perspectiva do passado.

Apesar disso, somente na década de 1970, mais especificamente quando Koerner publica seu primeiro artigo referente à HL em uma revista intitulada *Historiografia Linguística* (1974), a HL foi instaurada como uma disciplina efetiva dos estudos da linguagem. Como bem observa Batista (2013):

A *Historiografia Linguística* entrou em cena a partir de 1970, com a publicação e divulgação de trabalhos escritos por pesquisadores que ajudaram a introduzir a reflexão a respeito dos estudos sobre a linguagem no amplo e variado campo dos estudos linguísticos, alcançando, assim, sua legitimidade como área de pesquisa (BATISTA, 2013, p.21).

Depois dos anos 70 em diante, a HL adquire um caráter científico, devido às publicações que passam a ser cada vez mais frequentes. Além disso, vem ocorrendo publicações com certa regularidade em periódicos, tanto internacionais quanto nacionais, exclusivamente dedicados aos estudos historiográficos da língua.

Dentre os periódicos dedicados a publicações historiográficas, Batista (2013) elenca, como principais: *Historiographia Linguistica* (com início em 1974), *Histoire, Épistémologie Langage* (com início em 1979), *Beitragezur Geschichte der Sprachwissenschaft* (com início em 1991). Além desses, consideradas mais tradicionais, esse mesmo estudioso cita a recente iniciativa argentina, com a publicação da *Revista Argentina de Historiografia Linguística*, datada de 2009.

Somando-se as produções ocorridas em revistas especializadas na área, vários encontros internacionais vêm ajudando na consolidação e divulgação dos resultados referentes à produção intelectual na área que, segundo Altman (2012), os pioneiros foram: North American Association

for the History of the Language Sciences, Henry Seet Society, Sociedad Española de Historiografía Lingüística, Société d'Épistémologie des Sciences du Langage, Studienkreis Geschichte der Sprachwissenschaft.

A disciplina do contexto brasileiro

No Brasil, a HL chega a partir 1990, adquirindo um espaço dentro dos centros universitários, principalmente na Universidade de São Paulo (USP), com a professora Dra. Cristina Altman, maior autoridade no assunto, no Brasil. Sobre esse início, Altman afirma que:

Os linguistas brasileiros que eventualmente se dedicaram à revisão das tradições de estudos que os antecederam o fizeram como introdução aos seus manuais de linguística geral ou aos manuais de sua especialidade, como Borba (1967) e sucessivas reedições, Lopes (1993), Miazzi (1972), Scliar-Cabral (1979), Lobato (1986), Faraco (1991), Brandão (1991), Ilari (1992), Mattos e Silva (1994), entre outros (ALTMAN, 2012, p. 18).

Mas foi em meados dos anos de 1975, ano no qual foi publicada, postumamente, no Brasil, a obra pioneira- História da Linguística, de Joaquim Mattoso Câmara Jr, obra essa que, apesar de produzida por um linguista brasileiro, não faz referência ao contexto acadêmico nacional, nem muito menos referência a seus pesquisadores. Nessa obra, de acordo com Altman (2012):

Mattoso reviu as tradições clássicas do pensamento linguístico desde a Antiguidade até a tradição estrutural sincrônica, que lhe era contemporânea, passando pela Idade Média, pelo Renascimento, pelos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e por grande parte do século XX (ALTAMAN, 2012, p. 17-18).

Ainda para Altman (2012, p.17), essa obra “é um conjunto de textos originalmente escritos em inglês para um público não brasileiro que, somente alguns anos depois, após a morte do autor seria traduzido para o português e publicado em forma de livro”. Esse livro, segundo Batista (2013, p. 23) apresenta um “caráter abrangente, com uma perspectiva linear e fortemente orientada para o tratamento da linguística ocidental a partir do século XIX”.

Os textos originais dessa obra foram escritos em 1962, destinados para um curso que o professor Mattoso Câmara Jr, reconhecido por várias gerações de linguistas como o introdutor da moderna ciência da linguagem no Brasil e, talvez, segundo Altman (2012), em toda a América Latina, ministrou na Universidade de Washington, em Seattle. Esse mesmo curso foi repetido, em partes, outras duas vezes: uma no Rio de Janeiro, em 1965, no I Seminário Brasileiro de Orientação Linguística, destinado a professores do Ensino Médio, bem como para professores do Ensino Superior; numa segunda ocasião, ocorrida entre 1967 e 1968, no II Instituto Interamericano de

Linguística, organizado em parceria com o IV Programa Interamericano de Linguística e Ensino de Línguas, no México.

Altman (2012) frisa que poucos foram os linguistas brasileiros que, durante as décadas de 60 e 70, se interessaram efetivamente por uma reconstrução do passado linguístico. Até a década de 80, somente a obra de Mattoso poderia ser citada como suficientemente abrangente, elaborada por um linguista brasileiro.

Batista (2013) observa que, apesar da pouca produção no Brasil de linguistas dedicados ao fazer historiográfico, podem ser citados textos sem tanto alcance acadêmico como o de Mattoso Câmara Jr., como: *Introdução à Linguística*, de Florence Carboni, publicado, em 2008, e *Introdução à Linguística Moderna*, de Haroldo Ramanzini, publicado em 1990. Entende-se, pois, que apesar da importância dos dois textos, os mesmos não tiveram um grande alcance acadêmico, visto que não conseguiram abranger uma parcela considerável de pesquisadores que se dedicavam a temática historiográfica da língua.

Os demais trabalhos que foram, e, que ainda estão sendo produzidos, são trabalhos esparsos, publicados em revistas, em anais de congresso, bem como em prefácios de obras com outros interesses linguísticos. A esse respeito, Altman considera que os trabalhos produzidos aqui no Brasil sobre a HL têm se desenvolvido:

De forma secundária em relação a outros interesses, tomando frequentemente a forma de uma introdução panorâmica aos manuais de linguística geral [...], ou de capítulo inicial às teses acadêmicas. De maneira geral, essas introduções históricas visam mostrar os avanços da disciplina, ou parte da disciplina, em relação a estágios anteriores (ALTMAN, 2012, p. 15).

Os estudiosos que se dedicam a fazer esse tipo de abordagem da história da linguística fazem reflexões esparsas. Dentre eles podem ser citados: “José Borges Neto, Dinah Callou, Yonne Leite, Ataliba Teixeira de Castilho, Francisco Gomes de Matos, Erasmo d’Almeida Magalhães, Rosa Virgínia Mattos e Silva, Aryon Dall’Igna Rodrigues entre outros” (BATISTA, 2013, p. 25). Tais pesquisadores fazem parte do pequeno escopo de linguistas que, de certo modo, se detiveram a reconstrução de um passado linguístico.

No Brasil, os trabalhos linguísticos desenvolvidos na perspectiva historiográfica estão, de certo modo, ligados a proposta de Koerner, Swiggers e Auroux, até mesmo porque, se torna inviável, para não dizer impossível, uma abordagem historiográfica que não se utilize das bases conceituais e metodológicas dos referidos pesquisadores, visto que são esses considerados os principais estudiosos da área, bem como os responsáveis pelo caráter científico da disciplina.

Batista (2013) evidencia que esses autores passam a ganhar espaço dentro dos estudos linguísticos aqui no Brasil, principalmente pelo fato da criação dos primeiros grupos de pesquisa,

os quais, nas palavras de Batista (2013, p. 27) “se organizaram prioritariamente em torno de propostas de reconstrução historiográfica de aspectos da pesquisa linguística brasileira”. Os grupos de que fala Batista estão principalmente interessados na reconstrução de nosso passado linguístico.

Os grupos de pesquisa de que fala Batista (2013, p. 23) “não compartilham, muitas vezes, dos mesmos métodos e objetivos”. Nesse sentido, apesar de manterem a mesma proposta, divergem em alguns aspectos, principalmente no tocante ao objeto de análise, que pode variar, de acordo com os interesses do grupo.

O principal grupo de pesquisa que rastreia nosso passado linguístico, por um viés historiográfico, é o Centro de Documentação em Historiografia Linguística (CEDOCH), do departamento de linguística da USP⁵.

Além do grupo da USP, outros também em São Paulo, como o grupo de pesquisas linguísticas que acontecem em torno Sedes Sapientiae e dos cursos de graduação e pós-graduação da PUC-SP e o da Universidade Presbiteriana Mackenzie, refletem sobre aspectos da historiografia da língua portuguesa, onde são produzidos trabalhos, principalmente, acerca da gramaticografia, bem como do ensino de língua portuguesa no Brasil (BATISTA, 2013).

Há, ainda, grupos que reúnem vários pesquisadores de diversas universidades do Brasil, dentre esses, a Associação Nacional de Pós-graduação em Letras e Linguística Brasileira (Anapoll) e o Grupo de Trabalho em Historiografia da Linguística Brasileira⁶, sem mencionar a grande contribuição de estudantes de pós-graduação, que, de forma isolada, estão contribuindo com a produção de Dissertações e Teses que reconstroem nosso passado linguístico.

Organizações consideradas mais recentes também têm contribuído para o desenvolvimento historiográfico. Batista (2013) cita como exemplos dessas organizações o projeto de trabalho internacional na Asociación de Linguística y Filología de América Latina (Alfal) e o grupo da Associação Brasileira de Linguística (Abralín). Esses grupos mais recentes tiveram um papel importante não somente para o desenvolvimento da disciplina como um todo, mas, principalmente, por assumirem o papel de oficializar as linhas de pesquisa dentro da disciplina.

É importante destacar que foi somente nos anos 2000 que a disciplina passa a fazer parte da grade curricular dos cursos de Letras, isso em poucas universidades, pois, ainda hoje, grande parte das instituições de ensino superior não possui a disciplina⁷ como parte integrante dos estudos linguísticos. As universidades que iniciaram a tentativa de implantar os estudos linguísticos por um

⁵ De acordo com Batista (2013) “o grupo mantém uma página na Internet para a divulgação de seus trabalhos e projetos de pesquisa; também é possível consultar os boletins que durante um tempo tiveram publicação regular” (BATISTA, 2013, p.27).

⁶ Grupo com pesquisadores de todo o Brasil.

⁷ Swiggers (2009 apud Batista, 2013, p. 28) Aspecto importante para a institucionalização do campo.

viés historiográfico foram a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade de Campinas (UNICAMP), a Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) e a Universidade Presbiteriana Mackenzie (UMP).

A Universidade Federal de Goiás (UFG) também se dedica ao estudo da HL. Sob a coordenação do professor Sebastião Elias Milani, foi criado, em 2006, o grupo de pesquisa Mostragem e Desenvolvimento Epistemológico da Historiografia dos Estudos da Linguagem (IMAGO), com várias Dissertações e Teses defendidas e outras tantas em andamento.

A Universidade Estadual de Goiás (UEG) é outra instituição que vem se dedicando ao estudo da HL. Essa instituição possui um grupo de pesquisa em Teoria da História e Historiografia (GETH), que visa a propagar as bases teórico-metodológicas da disciplina, valendo-se, para isso, de diversos ciclos de seminários e palestras. Esse mesmo grupo foi responsável por criar, em 2009, a Revista Eletrônica Expedições: Teoria da História e Historiografia.

Recentemente, em 2015, foi criado, na UFPI, o grupo de pesquisa Historiografia Linguística: estudo de fontes pretéritas e contemporâneas, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras, sob a coordenação do professor Dr. Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos. Esse grupo, apesar de recente, já conta com alguns trabalhos, que, vão desde a iniciação científica ao mestrado. Dentre os trabalhos já produzidos pelo grupo, cita-se os trabalhos de iniciação científica: Ideias linguísticas em “A língua que falamos”, de Herbert Parentes Fortes (2015); Ideias linguísticas de Herbert Parentes Fortes em “A questão da Língua Brasileira”: um olhar historiográfico” (2016), ambos de Silva. No âmbito do mestrado, tem-se o trabalho de Oliveira, intitulado A questão da história da língua portuguesa na gramática pedagógica do português brasileiro, de Marcos Bagno: um estudo historiográfico (2017), e o trabalho de Pio, cujo título é Estudo historiográfico do tratamento dado às categorias gênero e número dos substantivos simples na Gramática Houaiss da Língua Portuguesa (2017). Além desses, o trabalho de Feitosa, intitulado O tratamento dado à categoria de voz verbal em gramáticas brasileiras do século XIX: um estudo historiográfico, também se junta à produção do grupo.

Batista (2013) aponta alguns trabalhos⁸ que tem como objetivo evidenciar a intenção de efetivar a presença da HL brasileira, dentre eles: A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988), de Cristina Altman, 1990; A historiografia linguística: rumos possíveis, organizado por Jarbas Vargas Nascimento, 2005; “Retrospectivas e perspectivas da historiografia linguística no Brasil”, de Cristina Altman, 2009; “Historiografia Linguística: princípios e procedimentos”, de Neusa Bastos, 2011; “Dossiê Historiografia da Linguística”, organizado por Cristina Altman e Ronaldo de

⁸ (BATISTA, 2013) observa que não se pretende fazer um levantamento exaustivo da produção da historiografia da linguagem, pois não são citadas todas as traduções publicadas e divulgadas no Brasil, mas apenas os textos que ajudaram a concretizar o desenvolvimento da área no panorama nacional.

Oliveira Batista, 2012; “História, estórias e historiografia da linguística brasileira”, de Cristina Altman, 2012; “Historiografia linguística”, de Olga Coelho e Mercedes Saraiva Hackerott, 2012; Metalinguagem e discurso: a configuração do purismo brasileiro, de Marli Quadros Leite, 1999; Fonologia e morfologia da gramática científica brasileira, de Ricardo Cavaliere, 2000; História entrelaçada, coleção organizada por Neusa Bastos e Dieli Palma, já com cinco volumes publicados, 2004-2012; Línguas gerais: política linguística e catequese na América do Sul no período colonial, organizado por Maria Carlota Rosa e José Bessa Freire, 2003; A implantação da língua portuguesa no Brasil no século XVI, Nancy dos Santos Casagrande, 2005; O nascimento da gramática portuguesa: uso e norma, de Marli Quadros Leite, 2007; Homenagem: Evanildo Bechara 80 anos, organizado por Dieli Palma, Mercedes Hackerott, Neusa Bastos e Rosimeire Fascina, 2008; A linguagem: teoria, ensino e historiografia, de Carlos Falcão Uchôa, 2008; Ortografia da língua portuguesa, com organização de Maurício da Silva, 2009; Madre Olívia: uma linguística à frente do seu tempo, organizado por Dieli Palma e Neusa Bastos, 2012; Uma língua africana no Brasil colônia de Seiscentos: o quimbundo ou língua de Angola na Arte de Pedro Dias, S.J., de Maria Carlota Rosa, 2012; Políticas de língua no Novo Mundo, organizado por Consuelo Alfaro Lagorio, Maria Carlota Rosa e José Bessa Freire, 2012.

Este pequeno percurso sobre a HL teve como objetivo principal apresentar o surgimento e desenvolvimento da disciplina dentro dos estudos linguísticos. Diante disso, é importante frisar a grande importância que os pesquisadores e, conseqüentemente, suas produções tiveram para a instauração do caráter de cientificidade. Além disso, evidenciar a importância dela para um maior conhecimento dos estudantes e pesquisadores das diversas áreas dos estudos linguísticos, visto que tal disciplina pode possibilitar uma visão ampla da linguagem. Desse modo, faz-se necessário que as instituições de ensino superior do país se atentem para essa importância, para que seus estudantes saiam com um conhecimento, no mínimo, satisfatório sobre a história da ciência que buscaram estudar.

Conceito e objeto de estudo da disciplina

Altman (2009) compreende a HL como uma disciplina de vocação científica, que tem, como principais objetivos, o ato descrever e explicar de que forma se produziu e, conseqüentemente, se desenvolveu o conhecimento linguístico em um determinado contexto social e cultural, através do tempo. Dessa maneira, entende-se que a HL apresenta uma vocação científica, que leva em consideração, no momento de análise de um fato linguístico, tanto os aspectos internos quanto externos, os quais para Altman (1998), são entendidos como dimensões internas e externas,

respectivamente. A primeira dimensão, a interna, está atrelada diretamente ao conteúdo linguístico propriamente dito; a segunda, diz respeito ao contexto de produção em que o fato linguístico foi produzido.

Diante disso, para Swiggers (2004, p. 115) “a historiografia linguística pode ser definida como o estudo (crítico e sistemático) da produção e evolução do conhecimento das ideias linguísticas, propostas por ‘atores’ que estão em interação entre si e com o contexto sócio-cultural e político que estão em relação com o passado científico e cultural”⁹. Para o mesmo autor, a HL caracteriza-se por ser “estudo interdisciplinar do curso evolutivo do conhecimento linguístico; ela engloba a descrição e a explicação, em termos de fatores intradisciplinares e extradisciplinares”¹⁰. Assim sendo, Swiggers (2004, p. 115) define a HL como área que rastreia, “de maneira reflexiva, o desenrolar do saber linguístico”¹¹.

Para Batista (2013), o fazer do historiógrafo da língua, levando em consideração as concepções acima, consiste nas tarefas de descrição e interpretação dos fatos linguísticos. Nessa perspectiva, o mesmo estudioso compreende que a HL é uma disciplina que, utilizando um arsenal metodológico, descreve e interpreta como o conhecimento linguístico foi adquirido, desenvolvido, transmitido e, até mesmo, esquecido no decorrer do tempo.

Além disso, compreende-se a HL como uma disciplina interdisciplinar, que leva em conta uma diversidade de aspectos, dentre os quais, os sujeitos, ou, como bem coloca Swiggers (2004), os “atores”, além da rede de relações que envolvem esses atores. Atrelado a isso, os aspectos sociais, políticos, históricos e culturais também são considerados, a fim de se ter uma maior e melhor compressão dos fatos linguísticos em análise.

Compreendendo que o fazer historiográfico, de acordo com Koerner (1989), pode dar-se por continuidades/descontinuidades, alguns estudiosos da filosofia da ciência trazem a lume, no século XX, reflexões a respeito da evolução do conhecimento científico. A partir dessas reflexões, várias ciências passam a utilizar-se de tal arsenal teórico-epistemológico, dentre essas ciências, a Linguística. Contudo, cumpre esclarecer que as proposições do desenvolvimento do conhecimento científico, trazidas no século XX foram pensadas, em sua gênese, para as ciências físicas e naturais. Posteriormente, as discussões foram aplicadas às ciências humanas e sociais.

Considerações finais

⁹ (SWIGGERS, 2004, p. 15, tradução nossa) “el estudio (sistemático y crítico) de la producción y evolución de ideas lingüísticas, propuestas por actantes, que están en interacción entre sí y con un contexto socio-cultural y político y que están en relación con su pasado científico y cultural”

¹⁰ Tradução de Cristina Altman: História e Historiografia da Linguística: Status, Modelos e Classificações.

¹¹ (SWIGGERS, 2004, p. 115) “de manera reflexionada, el desarrollo del saber lingüístico”.

Considerando a Historiografia Linguística configurada como uma disciplina interdisciplinar, empreendemos durante esta pesquisa, as relações que essa disciplina apresenta com as esferas social, histórica, cultural, bem como política, relacionando aos fatos linguísticos e resgatando a reflexão que traz à tona discussões sobre o contexto mundial, como também, em uma análise mais específica, em seu contexto nacional, no caso, brasileiro, visando incitar um panorama pontual e basilar de interpretação.

A partir do momento em que compreendemos que só nos anos 2000 esta disciplina passa a compor a grade curricular dos cursos de Letras, torna-se salutar a discussão do contexto educacional tanto em uma esfera acadêmica, quanto em uma esfera histórica, tendo em vista, sobretudo, a perspectiva de todo arsenal metodológico ao compreender o caráter histórico da língua durante esse tempo precedente, bem como, as reflexões sobre a formação do profissional docente em relação a conhecimentos de base histórica da língua.

Neste sentido, a perspectiva historiográfica aparece como um arcabouço de percepção dos fatos linguísticos a partir do momento em que possui seu conceito e objeto de estudo focados na compreensão das discussões aplicadas e em questão.

Contudo, reconhecer o papel dos estudos historiográficos e da própria historiografia linguística enquanto disciplina, traz uma efetiva sistematização para o desenvolvimento de descrição e interpretação de realizações linguísticas e do próprio conhecimento científico aplicados.

Referências

- ALTMAN, Maria Cristina Fernandes Salles. *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.
- _____. *Retrospectivas e perspectivas da historiografia da linguística no Brasil*. Revista de historiografia linguística, v. 2, 2009.
- _____. *História, Estórias e Historiografia da Linguística Brasileira*. Todas as Letras, São Paulo, v. 14, n. 1, 2012.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Introdução à historiografia linguística*. 1. Ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- KOERNER, Konrad. *Practicing Linguistic Historiography: selected essays*. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Philadelphia. 1989. P. 47-59.
- _____. *O problema da influência na historiografia linguística*. In: Quatro décadas de Historiografia Linguística: estudos selecionados. Centro de Estudos em Letras: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014.
- NASCIMENTO, Jarbas. Vargas (org). *A Historiografia linguísticos: rumos possíveis*. São Paulo: Terra do sonhar, 2005.
- SWIGGERS, Pierre. *Modelos, Métodos y Problemas en la historiografia de la linguística*. Nuevas Aportaciones a la historiografia linguística. Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL. La Laguna (Tenerife), 22 al 25 de octubre de 2003. p. 113-146. 2004.
- WEEDWOOD, Barbara. *História concisa da linguística*. São Paulo: Parábola, 2002.

Chego em: 18-01-2018
Aceito em: 17-02-2018